

# O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA APOIADO PELOS RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS (REA)

*African History teaching supported by Open Educational Resources (OER)*

*La enseñanza de Historia de África apoyada por los Recursos Educativos Abiertos (REA)*



Revista  
**Desafios**

Artigo Original  
Original Article  
Artículo Original

Rosária Helena Ruiz Nakashima<sup>\*1</sup>, Daniel Bueno da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professora do Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, Tocantins, Brasil.

<sup>2</sup>Discente do Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, Tocantins, Brasil.

\*Correspondência: Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína. Avenida Paraguai, s/nº, Bairro Cimba, Araguaína, Tocantins, Brasil. CEP: 77824838. e-mail [rosaria@uft.edu.br](mailto:rosaria@uft.edu.br)

Artigo recebido em 28/08/2018 aprovado em 21/09/2018 publicado em 31/12/2018.

## RESUMO

Este artigo apresenta a construção e a discussão dos campos didáticos que compuseram um Recurso Educacional Aberto (REA) que foi, posteriormente, aplicado no curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína. A seleção do tema “História Antiga Africana” considerou a constatação da invisibilidade e das visões reducionistas que, por vezes, se têm sobre esse continente. Como recurso tecnológico para construção do REA, foi escolhido o *Prezi* uma vez que este apresenta as possibilidades de efetivar os princípios de colaboração, compartilhamento, remixagem, adaptação que orientam o desenvolvimento desta pesquisa. Os resultados apontaram para a necessidade de fomentar a produção de recursos, especialmente abertos, sobre a História da África. Além disso, ao desenvolver esta pesquisa, foi possível evidenciar as potencialidades dos REA para o ensino de História, contribuindo com a formação inicial e continuada dos professores.

**Palavras-chave:** REA, Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), História Antiga Africana.

## ABSTRACT

*This article presents the construction and the discussion of the didactic fields that composed an Open Educational Resource (OER) that was applied in the course of History Teacher Training, Federal University of Tocantins, Campus de Araguaína. The selection of the content "Ancient African History" considered of the invisibility and the reductionist views that sometimes have on this continent. As a technological resource for the construction of REA, Prezi was chosen since it presents the possibilities of implementing the principles of collaboration, sharing, remixing, and adaptation that guide the development of this research. The results pointed to the need to foster the production of especially open resources on the History of Africa. In addition, in developing this research, it was possible to highlight the potential of OER for the teaching of History, contributing to initial and continuing teacher training.*

**Keywords:** OER, Digital information and communication technologies, Ancient African History.

## RESUMEN

*Este artículo presenta la construcción y la discusión de los campos didácticos que compusieron un Recurso Educativo Abierto (REA) que fue posteriormente aplicado en el curso de Licenciatura en Historia, de la Universidad Federal de Tocantins, Câmpus de Araguaína. La selección del tema "Historia Antigua Africana" consideró la constatación de la invisibilidad y de las visiones reducionistas que a veces se tienen sobre ese continente. Como recurso tecnológico para la construcción del REA, fue elegido el Prezi, ya que éste presenta las posibilidades de*

efectúen los principios de colaboración, compartir, remixaje, adaptación que orientan el desarrollo de esta investigación. Los resultados apuntaron a la necesidad de fomentar la producción de recursos, especialmente abiertos, sobre la Historia de África. Además, al desarrollar esta investigación, fue posible evidenciar las potencialidades de los REA para la enseñanza de Historia, contribuyendo con la formación inicial y continuada de los profesores.

**Descriptor:** : REA, Tecnologías digitales de la información y la comunicación (TDIC), Historia Antigua Africana.

---

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o mundo tem passado por um avanço vertiginoso na produção e na popularização de algumas tecnologias. Em decorrência, formas de viver, pensar e sentir o mundo tem sido cada vez mais tencionadas, repensadas e, mesmo, adaptadas a esse novo contexto do século XXI. Com a educação não é diferente. A popularização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) propiciou um debate sobre a sua inserção em processos de ensino-aprendizagem. Essa inserção, porém, exige um debate sobre novas filosofias e formas de conceber a produção do conhecimento, bem como dos papéis de estudantes e professores/as.

Nesse contexto, os chamados Recursos Educacionais Abertos (REA) representam, por um lado, a possibilidade de integração das TDIC no ensino e, por outro, uma consequente reavaliação das concepções teóricas que tradicionalmente orientam o processo educativo. Segundo Butcher (2011), o conceito de REA descreve

[...] todos os recursos educacionais (incluindo mapas, currículos, materiais didáticos, livros, vídeos, aplicações multimídias e quaisquer outros materiais que forem projetados para uso no ensino e aprendizagem) que são, abertamente, disponíveis para uso dos educadores e estudantes, sem a necessidade de acompanhamento para pagar *royalties* ou taxas de licença (p. 03).

Butcher (2011) lembra ainda que os REA possuem grande potencial para apoiar transformações educacionais, principalmente pela facilidade de

compartilhamento e uso de recursos abertos acessados pela *web*. Mas o autor destaca a importância das licenças pois, segundo ele, o REA

[...] é simplesmente um recurso educacional que incorpora uma licença, que facilita a sua reutilização e; potencialmente, adaptação, sem a permissão primeira do detentor do *copyright* (p. 05).

Logo, é preciso desconstruir a imagem errônea que se faz da licença aberta como um conteúdo pertencente ao domínio público, no qual o autor abdica de seus direitos sob o material. Para Butcher (2011) as licenças abertas têm sido impulsionadas pela necessidade de proteger os direitos dos autores e autoras em um ambiente (internet) no qual o acesso e o compartilhamento geralmente se fazem sem permissão prévia. Dessa forma, tipos de licenças como o *Creative Commons (CC)* têm surgido com o intuito de garantir aos autores

[...] o reconhecimento pelo seu trabalho, permitindo que este seja compartilhado, possa procurar restringir a atividade comercial, se desejarem, e pode apontar para impedir as pessoas de adaptá-lo se for o caso. Assim, um autor que aplica uma licença *Creative Commons (CC)* no seu trabalho procura especificamente os direitos no trabalho, e concorda - através da licença - dar de presente alguns desses direitos (p 05).

Amiel (2012) aponta que o acesso aos REA é imprescindível para a construção de uma nova configuração mais flexível de ensino e de aprendizagem, uma vez que os REA não fazem somente “parte dessa expansão, mas são verdadeiramente propulsores de novas configurações de ensino e aprendizagem” (p. 24). Discutindo essa

inserção dos REA na educação, Amiel (2012) aponta que o acesso a tais recursos facilitaria tanto a produção como a reprodução de novos recursos educacionais. Dessa forma, recursos produzidos por outros agentes culturais (músicos, produtores de vídeo, desenhistas, pintores, dançarinos etc.) poderiam ser incorporados aos ambientes educacionais.

Ao analisar o advento dos REA, Rossini e Gonzalez (2012) apontam que a internet, e seu advento, possibilitou a disponibilização de uma “plataforma global de criação e acesso a uma imensa variedade de recursos e conteúdo de ‘muitos para muitos’” (p. 37), propiciando o contexto no qual emergiram, no mundo todo, os recursos educacionais abertos. Em outras palavras, o advento dos REA possibilitou romper com as barreiras das quais os materiais educacionais tradicionais enfrentam, tais como: altos custos de acesso; ou bloqueios ou impossibilidade de reutilização criativa, e adequação a contextos locais. Em oposição a essas limitações, a filosofia dos REA propõe que se perceba os materiais educacionais voltados para “o benefício de todos, especialmente daqueles que hoje ainda recebem pouco ou nenhum apoio do sistema educacional” (ROSSINI, GONZALEZ, 2012, p. 39). Além disso, propõem uma nova forma de lidar com o conhecimento, compreendendo-o como social e coletivo, isto é, um bem que, por meio dos REA, pode ser disponibilizado a todos, possibilitando compartilhamento, remixagem e adaptação (ROSSINI, GONZALEZ, 2012).

Em meio a todo esse processo de popularização da produção e de compartilhamento dos REA, há um aspecto que precisa ser considerado como fundamental: a importância dos professores nesse processo. Nas reflexões de Pretto (2012), é difícil discutir os REA limitando-se a “pensá-los descolados da realidade dos professores que, efetivamente, são os principais personagens e autores dos processos educativos” (p. 96), exigindo um esforço para

recuperar seu protagonismo nesse processo. Assim, propõe-se que o professor

[...] como intelectual transformador deve estar comprometido com o seguinte: ensino como prática emancipadora; criação de escolas como esferas públicas democráticas; restauração de uma comunidade de valores progressistas compartilhados; e fomentação de um discurso público ligado aos imperativos democráticos de igualdade e justiça social. (GIROUX, 1997, p. 18 apud PRETTO, 2012, p. 97).

Pretto (2012) acredita que, fortalecendo os/as docentes, as condições ficarão mais propícias para que a escola efetivamente se transforme em um espaço de produção do conhecimento. Nessa forma de perceber o processo educacional, segundo Pretto (2012, p. 101), a escola precisa resgatar a sua “dimensão fundamental de ser o espaço da criação, da colaboração, da generosidade e do compartilhamento”. Para tanto, ressalta que é indispensável aos REA irem além do acesso gratuito a conteúdos produzidos nos grandes centros, devendo se configurar como uma oportunidade para possibilitar que

[...] professores e alunos possam, efetivamente, apropriando-se dos recursos oferecidos pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, em rede, ser produtores de conhecimentos e culturas, aqui, de forma insistente, escrita e valorizadas em seu plural pleno (p.104).

A produção de um REA deve estar articulada às demandas de professores e estudantes, explorando seus benefícios da contextualização, personalização e localização (características, culturas locais das regiões brasileiras) e, para isso é necessário que essa temática esteja presente em cursos de formação inicial de professores.

## **MATERIAIS E MÉTODOS: A CONSTRUÇÃO DO REA**

Compreendendo essas potencialidades e desafios demandados pelos REA, empreendeu-se, nesta pesquisa, a construção de um episódio-aula

(REA)<sup>1</sup> que pudesse ser aplicado no curso de Licenciatura em História, e que fosse licenciado de maneira aberta, ao permitir a adaptação, remixagem, edição, por qualquer professor ou estudante de qualquer nível do ensino. O *software* escolhido para construção do REA foi o *Prezi* (<https://prezi.com/>), um recurso da *Web 2.0*, criado em 2009 por um grupo de empreendedores na Hungria. A escolha dessa plataforma se justificou pela facilidade de compartilhamento, reutilização, adaptação que proporciona aos usuários cadastrados; além disso, sua dinamicidade nas apresentações, acesso fácil e gratuito, condizem com as características da filosofia de abertura dos REA, assumidas por esta pesquisa.

O conteúdo do REA foi escolhido a partir de um recorte historiográfico específico que contemplasse uma temática da História Antiga Africana, a fim de problematizar a atual marginalização e ocultação dessa História no contexto escolar. Além disso, é importante lembrar que, após a Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que insere a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003) nas escolas, reforçou-se a necessidade de incentivar e fomentar a produção de materiais que auxiliem o/a docente em sala de aula.

A partir dessa problematização, formou-se uma parceria com a professora, naquele momento, regente da disciplina de História Antiga, selecionando o material a partir do qual o REA seria elaborado, para auxiliar nas discussões do texto em sala de aula. O documento “História Antiga da África”, volume II, organizado pela UNESCO e editado por Gamal Morhtar foi escolhido e se fez um recorte temático, optando por tratar no REA de apenas um dos vários reinos que compuseram a multicultural história antiga do continente africano: O Reino de Kush.

A partir de uma revisão de estudos, alinhada à importância da integração da linguagem digital na produção de materiais didáticos, esta pesquisa propôs

a criação de um REA que contemplasse a História Antiga do Corredor Núbio (território africano pouco conhecido e discutido nos livros didáticos). Esse REA cumpre a função de desmistificar a errônea imagem histórica formada da África, como um território “tribal”, sem passado, ou restringindo-o à História do Egito. Ao apresentamos a História do Corredor Núbio e os reinos que o habitaram, surge no nosso horizonte outros reinos (Kush, Meroé) que compuseram a riquíssima – e marginalizada – História da África.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES: OS CAMPOS DIDÁTICOS**

Para produção do REA tomou-se como referencial os campos didáticos indicados e teorizados por Piconez, Nakashima, Piconez Filho (2013), no qual se ressalta a necessidade de elaborar materiais claros, pertinentes e com intencionalidade pedagógica. Esses campos são: sumário; expectativas de aprendizagem; problematização; fatos, conceitos e princípios; atividades. Cada campo cumpriu uma função diferente no REA, que será discutida e apresentada na sequência.

Inicialmente, o episódio-aula apresentava a proposta de pesquisa, o objetivo de se produzir um REA e a problematização de um recorte específico da História Antiga Africana. Além disso, o REA, por sua filosofia, foi ser percebido como produção, adaptação e aperfeiçoamento coletivo. Assim, pedimos aos alunos e alunas matriculados na disciplina de História Antiga que, ao utilizar o REA, anotassem sugestões, críticas, comentários, complementações, para um posterior momento de socialização das impressões sobre o material.

Ao analisar os resultados dessas impressões socializadas posteriormente, obtivemos algumas sugestões recorrentes sobre o REA, que foram atendidas e aprimoradas para a aplicação nas próximas turmas, a saber: inclusão de imagens para ilustrar as

dinastias núbias; aprofundamento teórico ao abordar o tema “candaces ou rainha-mãe”; divisão do REA, elaborado a partir do *Prezi*, em quatro *links*, para não ficar tão extenso; alterações nas atividades pedagógicas propostas e elaboração de uma introdução para o REA.

Nas orientações de Piconez, Nakashima, Piconez Filho (2013), no campo destinado à “Expectativas de Aprendizagem” apresenta-se a previsão dos objetivos de aprendizagem, que deve funcionar como uma orientação para a seleção de conteúdos e estratégias que justifiquem os eixos norteadores do projeto pedagógico da disciplina, do ano, série ou turma (p. 286). Esse campo deve provocar cognitivamente os/as estudantes, apresentando-lhes as informações de forma contextualizada, histórica e socialmente situada. Esse campo se faz importante uma vez que “todo planejamento pedagógico possui intencionalidade educativa, conteúdos e expectativas de aprendizagem” (p. 286).

Ao considerar as intenções e as instigações iniciais desta pesquisa, apresentou-se como Expectativa de Aprendizagem a construção de um conhecimento sobre um recorte específico da História Africana, suas organizações políticas, econômicas e sociais, desconstruindo alguns conceitos e percepções que, tradicionalmente, se tem sobre o continente, utilizando, para isso, diferentes formatos de informações disponibilizados no REA.

O próximo campo, “Sumário”, apontam Piconez, Nakashima, Piconez Filho (2013), deve ser um espaço de apresentação da síntese dos conteúdos e temas tratados, em forma de roteiro. Essa apresentação deve objetivar “orientar professor e estudantes sobre a seleção de conteúdos que deverão fundamentar as atividades e informar sobre a organização dos mesmos por ano, séries ou turmas” (p. 286). Isto posto, foram

elencados os títulos dos campos didáticos, seguido de algumas subdivisões.

Seguindo com a fundamentação dos campos didáticos, Piconez, Nakashima, Piconez Filho (2013) destacam a importância dos REA apoiar/propiciar espaços para o campo “Problematização”, no qual se trabalha com a participação dos/as estudantes, buscando identificar seus conhecimentos prévios sobre o tema que será estudado. Esse campo funciona como um ponto de partida para o estabelecimento de uma relação dialógica sobre os conhecimentos que se quer construir ou reconstruir com a turma. Para tanto, os autores apontam a necessidade desse campo ser composto de perguntas problematizadoras, que permitam “o professor avaliar qual a densidade, profundidade, discrepância e presença de informações que justificarão a seleção de atividades de ensino, de aprendizagem e de pesquisa aos estudantes” (p. 287).

Nas teorizações de Piconez, Nakashima, Piconez Filho (2013), a Problematização deve se consistir de questões instigantes, que possibilitem ao professor também selecionar metodologias e estratégias mais adequadas ao seu contexto. Assim, no REA construído nesta pesquisa, no campo destinado à “Problematização” foram elaborados questionamentos para o professor ter um panorama dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto, o que o ajudaria na decisão de quão profundo o assunto será trabalhado (PICONEZ, NAKASHIMA, PICONEZ FILHO, 2013). Portanto, iniciou-se questionando “quais palavras vinham à cabeça quando se ouvia ‘afriano’ ou ‘África’”, pretendendo, com isso, que a/o professor/a consiga captar o imaginário que os alunos e alunas trazem consigo sobre o continente africano. Ainda tentando captar essas representações, questionou-se: “a África teve História antes dos europeus?”. Essa problematização implica, no caso da História, que aluno (e o professor) analise criticamente a forma como os livros didáticos, por exemplo,

trabalham (quando trabalham) a História Africana. Além disso, com intuito de captar o conhecimento dos alunos e alunas sobre a temática, questionou-se o que entendiam pelas seguintes palavras: “Núbia, Kush, Méroe, Egito”, que seriam discutidas posteriormente. Sobre o Egito, no campo Problematização questionou-se: “ele faria parte da África?” A resposta a essa discussão/problematização pode evidenciar para o professor resquícios de uma historiografia tradicional, que concebe a História Europeia como linear (na qual as “antigas civilizações”, como a egípcia, seriam antepassadas diretas da Europa) e universal (na qual todo o restante do mundo poderia ser enquadrado nas categorias históricas criadas a partir do contexto europeu). Dessa forma, seria possível discussões sobre o sentido e o papel da História enquanto campo do conhecimento, além de uma discussão dos motivos e dos processos que levaram a marginalização da História Africana.

Essa discussão ainda foi ampliada pela problematização: “você acha que muitas pessoas se referem à África como um único país”. De maneira objetiva, pretendeu-se que, ao ouvir as respostas dos alunos/as, o professor conseguisse questioná-los sobre a imagem redutora que se tem sobre a África, por vezes não se dando conta de que se trata de um continente extenso e diverso. Para concluir, considerando que a História deve proporcionar contextos de reflexão, propõe-se a discussão: “quais são os maiores responsáveis pelas imagens depreciativas e unificadas que se têm da África”.

Feitas as problematizações iniciais, o REA abordou, através do campo “Fatos, Conceitos e Princípios”, teorias e concepções do tema. Para Piconez, Nakashima, Piconez Filho (2013), nesse espaço do REA se deve trabalhar com os conteúdos conceituais, sendo o momento de “intervenção da educação escolar; é a etapa da teorização e da investigação propriamente dita fundamentada pelas

diferentes disciplinas” (p. 287). Nesse campo didático, os estudantes devem receber informações que colaborem na construção de subsídios científicos (saberes escolares e/ou conteúdos curriculares) sobre a temática discutida na apresentação. Os alunos e alunas devem ter contato com informações/conteúdos que serão avaliadas, tratadas e analisadas objetivando responder as problematizações apresentadas inicialmente. Ainda segundo Piconez, Nakashima, Piconez Filho (2013), nesse campo didático o/a professor/a deve selecionar os conteúdos fundamentais, ou seja, primar pela pertinência e relevância das informações apresentadas para conferir sentido e significado ao tema estudado.

Como sugerido pelos alunos e alunas que avaliaram o REA, esse campo foi dividido em quatro partes.

Na parte I foram apresentadas informações com o objetivo de problematizar sobre as visões reducionistas de África. Os primeiros dados apresentados mostram a extensão geográfica e política da África: um continente com mais de 30 milhões de km<sup>2</sup>, 1,2 bilhão de pessoas, aproximadamente, distribuídas em 54 países. Na sequência, foram apresentados mapas geográficos, nos quais se identificava, primeiro, a África no mundo e, em seguida, as divisões territoriais do continente africano, com seus países e capitais. Seguindo com o objetivo de fornecer subsídios para o questionamento do imaginário sobre a África e, tendo em vista as diversas linguagens possibilitadas pelo REA, apresentou-se dois vídeos sobre a temática “África teve História antes dos europeus”. O primeiro, em uma aula de História de 15 minutos, do programa Telecurso, questionou-se os motivos de conhecermos tão pouco sobre a África, sua História e sua cultura, especialmente sua História Antiga, apresentando, de forma introdutória, um panorama histórico sobre esse continente antes dos europeus. O vídeo problematiza

ainda a visão reducionista de inserir a África na História apenas a partir do contato com os europeus. No segundo vídeo, produzido pela FTD, com 7 minutos, também se discutem questões relativas à História da África antes da chegada dos Europeus. Por meio da fala e das indagações da professora Marina de Mello e Souza, Prof<sup>a</sup> de História da África da USP, questionou-se as ideias consolidadas sobre o continente, dimensionando sua importância histórica, cultural e geográfica, discutindo questões relevantes para sua compreensão. Por fim, após os vídeos, apresentou-se ainda um infográfico contendo informações para complementar a discussão, expondo dados históricos e resumos introdutórios de diferentes impérios da História Africana.

A próxima seção, intitulada “O corredor núbio”, iniciou-se, de forma efetiva, a discussão sobre o recorte historiográfico desta pesquisa. Como dito anteriormente, essa discussão fundamentou-se no livro História Antiga da África, volume II, organizado pela UNESCO e editado por Gamal Morhtar.

Nessa parte do REA foi feita uma contextualização geográfica, com mapas e explicações sobre a posição estratégica do nosso objeto de estudo: o Corredor Núbio. Evidenciou-se como este funcionava, por situar-se no meio do deserto e, ao mesmo tempo, ser cortado pelo rio Nilo, como elo entre os egípcios e a chamada “África Central”, ou seja, um caminho indispensável para fluxos de mercadoria (MOKHTAR, 2010).

Na sequência, foi realizado um exercício de comparação e de diferenciação entre a civilização Egípcia e Núbia. Esquemáticamente, por meio de setas e imagens, o processo de diferenciação entre as duas culturas (que começa a ocorrer por volta de 3000 a.C) é discutido, evidenciando como a sedentarização do povo egípcio ocasionou em um desenvolvimento da agricultura, da escrita e da centralização política (MOKHTAR, 2010). Além disso, concluindo essa

primeira parte, é exposto, de forma objetiva, as principais características das duas civilizações, permitindo aos professores/as explorarem as diferenças entre ambas.

Ao final de cada parte foram propostas “Atividades”, que possibilitassem o professor avaliar como o processo de ensino-aprendizagem foi percebido e aproveitado por cada discente, repensando ou mantendo as estratégias para a próxima parte da apresentação. Na parte I do REA, a atividade propunha a construção de um quadro comparativo entre Egito e Núbia, destacando três principais diferenças.

A parte II tem início com a discussão sobre os interesses egípcios nas terras núbias. Ao apresentar um breve histórico, mostra-se como o Egito (desde sua primeira dinastia, por volta de 3200 a.C), sempre se interessou pelas terras núbias, motivado principalmente por matérias-primas, o fluxo de mercadoria e especiarias (MOKHTAR, 2010). Porém, a discussão aponta para um fato relevante: as relações entre Egito e Núbia se mantiveram estáveis até, aproximadamente, o fim da VI Dinastia Egípcia, deteriorando-se a partir daí. Na sequência, foi apresentada, esquematicamente, uma hipótese para esse processo de decadência: com as mudanças climáticas ocorridas por volta de 2400 a.C, a vida longe das margens dos rios tornou-se difícil, o que teria gerado um deslocamento populacional para o corredor Núbio (Margem do Nilo) e a ocupação de áreas que interessavam diretamente aos egípcios, ocasionando o início dos conflitos de interesses.

Após um panorama introdutório sobre as atenções despendidas e as operações e preocupações militares das Dinastias Egípcias ao território Núbia, a parte II se encerra apresentando um mapa da fronteira egípcia e núbia consolidada durante a XII Dinastia. Como atividade, foi proposta a elaboração de um parágrafo-padrão (dentro de estruturas estabelecidas)

sobre os principais marcos na relação entre Núbia e Egito.

A parte III do REA destaca o território Núbio, apresentando as diferentes culturas que o ocuparam ao longo da história, marcando suas características e seu histórico. O primeiro grupo abordado é o denominado “Grupo A” que, segundo Mokhtar (2010), desenvolveu-se na Núbia a partir do fim do milênio IV a.C, sendo contemporânea à I Dinastia Egípcia. No REA, são utilizados mapas e imagens para evidenciar a localização e as principais características desse grupo, discutindo, além disso, as razões para sua nomeação como “A” por não se ter referência do tipo de escrita dessa cultura por outros povos. Utilizando no REA um esquema com setas, figuras e caixas de texto, foi apresentada uma discussão sobre o fim do grupo A, mostrando como um declínio cultural aliado à superexploração por parte dos egípcios, em campanhas militares, teria causado uma considerável queda populacional (MOKHTAR, 2010).

Sobre o segundo grupo (Grupo C), foi apresentada uma inicial contextualização histórico-geográfica, marcando no mapa do corredor núbio o local ocupado por essa cultura e destacando o seu período de desenvolvimento. Seguindo com a proposta do REA, discutiu-se as origens (incertas) desse grupo, destacando a falta de evidências arqueológicas concretas, mas apresentando as principais hipóteses consolidadas sobre o assunto (MOKHTAR, 2010).

Além das duas culturas acima mencionadas, destacou-se ainda no REA o poderoso império que habitou o corredor núbio: o Império de Kush. Sua apresentação contou com a discussão do histórico e das características de seu primeiro centro cultural: a sua capital, Kerma (MOKHTAR, 2010). Além disso, apresentou-se ainda o histórico que levou à queda de Kerma e sua dominação pelos egípcios, seguido do processo denominado de “egípcianização”, que é discutido sob todas as formas, estratégias e consequentes

redefinições das fronteiras e administração núbias (MOKHTAR, 2010).

No entanto, esse período, segundo Mokhtar (2010), chega ao fim por união de fatores: internamente o Egito vivia uma combinação de agitação civil, disputa pelo poder, secas, fome e corrupção; externamente, as relações com seus vizinhos começavam a se deteriorar, além de estarem sob ataque. Essa combinação, e todo o desenrolar do processo histórico, levou a uma fragmentação do poder, e a um fato pouco visibilizado pela historiografia tradicional: a dominação do Egito pela chamada Dinastia dos Faraós Negros (MOKHTAR, 2010).

Essa Dinastia, que disputou com outras o poder (no contexto de fragmentação supracitado), conseguiu reunificar o Egito, dessa vez sob comando dos faraós núbios (MOKHTAR, 2010). No REA foram apresentados imagens das estátuas e bustos dos faraós dessa Dinastia, em ordem cronológica, seguido de um pequeno histórico de suas ações. A atividade final dessa parte (III) do REA propôs a elaboração de dois seminários, destacando as principais características e ações das Dinastias Egípcias que dominaram a Núbia e das Dinastia dos Faraós Núbios que dominaram o Egito.

Por fim, a IV e última parte do REA apresentou uma discussão sobre os principais aspectos da organização social da sociedade cuxita (império de Kush), destacando sua semelhança e diferença com as formas de governo desenvolvidas no Egito. A discussão apresentou e caracterizou a nova capital do Império de Kush (após o fim da Dinastia dos Faraós Negros): Méroe, apresentando sua escolha, seu esplendor, os motivos de sua queda e a situação do corredor núbio pós-méroe (MOKHTAR, 2010).

Nessa última parte do REA discutiu-se o processo de escolha de um novo rei (que na sociedade cuxita não era, necessariamente, hereditário; isso



representou um fator de estabilidade social, uma vez que evitava, ou reduzia a possibilidade de que monarcas despreparados assumissem o poder); o papel do clero (tanto em cerimônias de coroação como seus poderes sociais); as candaces (poderosas rainhas-mães cuxitas, que por vezes, exerciam poder de influência política e econômica maior que o próprio rei, chegando, algumas a ocuparem o papel efetivo de rainha); a administração do império; os recursos minerais; e as cidades dessa sociedade.

Ao finalizar este REA, concordamos com Piconez, Nakashima e Piconez Filho (2013) que discutem sobre a importância da formação inicial e permanente de educadores/as, frente ao constante crescimento tecnológico, enfatizando o uso pedagógico das TDIC. Assim, construímos esse REA, sobre História Antiga da África, como possibilidade dinâmica de integração de conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais. Este REA foi construído utilizando o *Prezi* que permitiu a fácil edição, atendendo ao princípio da flexibilidade dos REA para responder as demandas escolares contextualizadas e evidenciadas em proposta pedagógica inter, intra e transdisciplinar.

A filosofia que sustentou a produção deste REA evidenciou a necessidade da formação de um professor que seja “provocador cognitivo” (p. 282) dos estudantes. Há a necessidade de se repensar a prática de seguir “roteiros estáticos e fechados de conhecimentos compartimentalizados” (p. 283), prevalecendo a formação de um educador que produza materiais didáticos com liberdade para “modificar, intervir, criar e reinventar conhecimentos” (p. 283), fundamentado também nos princípios de conectividade, hipertextualidade e transversalidade.

## CONCLUSÕES

Esta pesquisa apresentou o processo de produção de um REA para o ensino de História,

identificando as possibilidades e os desafios ao explorar os recursos digitais, com intencionalidade pedagógica.

Atualmente, o domínio tecnológico-pedagógico das TDIC é uma exigência na formação dos professores, conforme apontam as legislações educacionais (BRASIL, 2013, 2014). O/A professor/a precisa conhecer quais são os recursos existentes e compreender o seu funcionamento, com o objetivo de fazer a seleção daqueles que podem contribuir verdadeiramente para o processo educativo.

Na construção deste REA observamos a carência de recursos multimídias (principalmente em português) que tratem da cultura e da História Africana. Nesse sentido, as problematizações feitas pelo REA construído poderão ajudar na discussão mais plural sobre o ensino da História da África, desconstruindo preconceitos e estereótipos relacionados a esse continente.

Concluimos que os recursos educacionais abertos podem representar um elemento de transformação. O acesso gratuito e a possibilidade de modificar, adaptar ou editar a apresentação sobre a História Antiga da África, democratiza, em certa medida, o conhecimento, pois disponibiliza ao professor um material didático sobre temas que, muitas vezes, não estão presentes nos livros didáticos.

Assim, esta pesquisa, com seu recorte historiográfico, reforça a necessidade de discussão e produção de materiais que tratem do ensino da História Antiga da África. A produção e o uso de REA no ensino de História poderão contribuir para atingir objetivos importantes, como por exemplo, identificar relações sociais e acontecimentos históricos nos grupos de convívio locais, comparando-os com outras manifestações em outros tempos e espaços (BRASIL, 1998).

Portanto, os estudos sobre os REA são fundamentais para ampliar o protagonismo de

professores e estudantes, compreendendo que estes podem fazer parte da produção e coprodução de materiais didáticos, capazes de atender as demandas e as especificidades dos diferentes contextos educacionais.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento desta pesquisa de iniciação científica. Também é importante mencionar a colaboração da professora Sariza Oliveira Caetano Venâncio que, à época da realização da pesquisa lecionava História Antiga, e forneceu o espaço para as discussões e a concretização desta proposta.

---

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---

## REFERÊNCIAS

AMIEL, Tel. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. In: SANTANA, B; ROSSINI, C; PRETTO, N.L (Orgs.). **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. Salvador: Edufba, 2012. p. 17-34.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História – 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEB, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Não paginado. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

\_\_\_\_\_. **PNE (2014-2024)**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>. Acesso em 20 mar. 2015.

BUTCHER, Neil. *A Basic Guide to Open Educational Resources (OER)*. Canadá: UNESCO and the Commonwealth of Learning, 2011.

MOKHTAR, Gamal (Ed). **História geral da África, II: África Antiga**. Brasília: UNESCO, 2010.

PICONEZ, Stela Conceição Bertholo; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; PICONEZ FILHO, Oscar Luiz. Formação permanente de educadores, recursos educacionais abertos (REA) e integração dos conhecimentos. In: OKADA, Alexandra (Org.). **Recursos educacionais abertos e redes sociais**. São Luís: EDUEMA, 2013. p.279-293

PRETTO, Nelson de Luca. Professores-autores em rede. In: SANTANA, B; ROSSINI, C; PRETTO, N.L (Orgs.). **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. Salvador: Edufba, 2012. p. 91-109.

ROSSINI, Carolina; GONZALEZ, Cristiana. REA: o debate em política pública e as oportunidades para o mercado. In: SANTANA, B; ROSSINI, C; PRETTO, N.L (Orgs.). **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. Salvador: Edufba, 2012. p. 35-70.

<sup>1</sup>Os links para acessar o REA são:

- I - <https://prezi.com/uqru0x3-carm/i-historia-antiga-da-africa/>
- II - <https://prezi.com/s-v-1dqlnjyd/ii-historia-antiga-da-africa/>
- III - <https://prezi.com/z4nrsgipmpxh/iii-historia-antiga-da-africa/>
- VI- [https://prezi.com/vdbc\\_jhggtj9/iv-historia-antiga-da-africa/](https://prezi.com/vdbc_jhggtj9/iv-historia-antiga-da-africa/)